



TRÂNSITOS E IDENTIDADES NO ESPAÇO DAS ARTES

Emerson Cesar Nascimento. UNICAMP

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender as relações sobre identidade e gênero que se estabelecem a partir da obra dos artistas Eva & Adele. Além disso, apresentar como se configura na contemporaneidade aspectos poéticos que surgem a partir de um pensamento de um novo sistema, propondo pensar a obra e o artista no espaço expositivo. Para tanto, será analisado o trabalho da dupla performática EVA & ADELE que no cerne de sua poética apresentam questões sobre identidade, gênero e espaço expositivo.

Palavras-chave: identidade, gênero, espaço expositivo, EVA & ADELE.

ABSTRACT: *This article aims to understand the relationship of identity and gender that are established at work of artists Eva & Adele. Additionally, show as the contemporary poetic aspects thinking of a new system, propos thinking of the work the of artist in the your exhibition space. To do so, will analyze the work of performer artist EVA & ADELE, that at of his poetics have questions about identity, gender, and exhibition space.*

Key words: *identity, gender, exhibition space, EVA & ADELE*

Compreender a arte contemporânea que emerge pós anos oitenta necessita de uma reflexão muito mais profunda que o fazer artístico. Na caudalosa História da Arte pensada dentro de uma historicidade conclusiva, deixou de lado muitos assuntos que foram abordados de maneira bastante superficiais e classificatórios. As artes dentro de um sistema hermético de difícil compreensão ao mundo transborda seus campos na contemporaneidade. Repensar o fazer artístico e a delimitação do seu espaço de ação no mundo são de fundamental importância.

Estes questionamentos que emergem nesse período debatem não só o fazer artístico, mas o espaço que ocupa essa produção, haja vista a diversidade presente nas representações artísticas contemporâneas. Os elementos que se apresentam em trabalhos de alguns artistas mostram um discurso constitutivo do seu tema, mas nunca conclusivo em si mesmo. Assim podemos ver a partir deste período formas de

arte não tão novas, mas sim novos discursos que já não conseguem se enquadrar nas categorias discursivas já preestabelecidas no campo das artes e no tradicional espaço expositivo.

Entendemos que existem áreas das artes que necessitam transbordar o cânone formalista que são redutores de sua compreensão. Seguindo esse pressuposto nos deparamos com a ideia de *ecosofia* apresentada por Guattari (2001) que propõe novas formas de entender o mundo, esse conceito pode se estender para a arte, levando seu entendimento para além dos seus cânones formalistas e historicistas refletindo também na maneira em que se dá a relação do espaço expositivo com a ação artística.

Atualmente vemos a arte como produto midiaticizado que adentra o campo do consumo estético, subjacente a esse consumo existem subjetividades que não são perenes, por mais que a sociedade deseje o seu apagamento. Estas subjetividades produzem discursos evidentes de novas formas artísticas que estão inseridas de maneira habitual no mundo e passam despercebidas. Nesse sentido o desaparecimento é forçado por constituintes sociais que deliberam o mundo em campos binários e dicotômicos, onde a legitimação da arte se dá institucionalmente.

Assim podemos apresentar a arte contemporânea, uma arte que deixou de ser homogênea e binária, mesmo tentando ser diversa. Na superfície da arte existem artes que estão em camadas distintas e profundas que solicitam serem vistas, assim podemos pensar numa singularidade abandonada pela arte que a partir do século XX pensando numa estetização do cotidiano; repensar, modificar, desconstruir as teorias que tentam analisar a arte como um grande conjunto estético é fundamental pois as mesmas chegam a falência no século XXI.

A partir desses entendimentos devemos repensar as relações entre arte e vida, sejam nos seus aparatos teóricos de análise ou na concepção generalista que a abarcou no século passado, visando principalmente uma institucionalização da mesma. Guattari propõe uma reinvenção dos modos a que são submetidas as questões sociais, conseqüentemente isso definitivamente influenciara nas causas artísticas.

O pensamento ecológico como causa reivindicatório, assim como a arte, apresenta-se como um dos caminhos de investigação, onde nada é separado. Existe um grande bioma social, mas subjacente a ele as pequenas partes se comunicam para que haja o equilíbrio ecológico, são novas maneiras de tentar compreender o social através da produção da artística e vice-versa.

[...] – trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero.” (GUATTARI, 2001, p.15)

Assim a arte poderá fazer parte desse momento não separada da vida e da sociedade mas inserida nesse conceito ecológico proposto pelo autor. A partir dessa questão podemos repensar a ideia consolidada no século passado sobre a arte e seus lugares de ocupação, suas relações com a vida dentro de um dispositivo binário, conclusivo e classificatório.

O cubo branco tanto alardeado na modernidade como o espaço de isenção e de apresentação da arte é ironizado quando o artista expõe sua escultura na entrada do museu chamando a atenção como num parque de diversões. O museu e todos os circuitos culturais acabaram por se tornar o espaço de diversão e entretenimento. O purismo e racionalismo estético produzido na modernidade e a afirmação da cultura como espaço “sagrado” tentou o museu como seu guardião começam a ser questionado, segundo o pensador italiano Omar Calabrese (1987) o arte e seu público mudou.

Circula uma gente estranha hoje no mundo da cultura. Gente que não pensa estar cometendo o crime de lesa-majestade ao interrogar-se se por acaso não haverá alguma relação entre as mais recentes descobertas científicas respeitante à fibrilação cardíaca e um telefilme americano. Gente que imagina a existência de curiosas relações entre um sofisticado romance de vanguarda e uma vulgar banda desenhada para garotos. Gente que entrevê cruzamentos entre uma futurista hipótese matemática e as personagens de um filme popular. (CALABRESE, 1989, p.09)

Dentro desse pensamento irônico podemos pensar a arte contemporânea não mais isolada, mas colocada num sistema ecológico de integração, outros valores intrínsecos a ela surgem clamando por um hedonismo estético que repercutirá em diversas formas de expressão. O mundo industrial dá lugar a um mundo informacional, onde o digital e as info-redes também apresentam a tônica dessa

nova produção. Noutra lado as questões sociais, das minorias, identidade e do corpo somatizaram esse aspecto estéticos.

Um aspecto relevante produzido na arte contemporânea esta diretamente ligado à questão da identidade. Estas questões sempre foram complexas na arte, porém há uma nova tônica nesse processo de criação que já não se isolam. Segundo Maffesoli (1996), não se trata mais de definir uma ou duas possibilidades na identidade, mas sim tratar do assunto como identificações que são plurais e móveis tendo em comum apenas a adaptabilidade global.

A modernidade nos ofereceu um prospecto de vida bastante limitador no quesito identidade. Até meados do século XX, antes do prenúncio do fim da modernidade, as identidades eram limitadas a padrões sociais pré-estabelecido, não havia mobilidade até chegarmos as revoluções da contracultura já nos anos sessenta. O hedonismo presente no contemporâneo irá afetar diretamente os pensamentos sobre questões identitárias.

Caminhamos num universo de imagens que tentam dialogar com a sociedade, mas esse diálogo nem sempre é verdadeiro, esta camuflado e flexibilizado por regras sociais: vestimos ternos para sermos aceitos em certo círculo social, os artistas podem se vestir de maneira menos convencional, pois são considerados fora do “sistema”, os religiosos necessitam de hábitos, mas nenhum deles conseguem demonstrar sua identidade verdadeira, é necessário ir além. Aqui podemos pensar analiticamente sobre quais as possibilidades reais de entendimento sobre identidade.

Será que queremos nos mostrar desnudos numa sociedade que a cada momento se torna mais virtual, sendo essas identificações são tão práticas? Isso nos faz pensar que somos co-criadores de realidades e universos que se desmaterializam assim como são construídos.

A troca de identidade, porém camufla uma órbita maior de acontecimentos, no campo das relações afetivas essa troca se torna impossível. Como antecipa J. Baudrillard em seu livro “A troca impossível”, o caminho das relações humanas sofrem um embate quando se encontram com essa nova realidade, nesse sentido a produção artística repensa o seu fazer e seu espaço no mundo social e institucional.

O sujeito moderno com uma identidade única, centrado e estável deixa de existir, porque esse mundo também passou por transformações e chegou ao seu limite. Analisar a complexa teia de pensamentos que cerca as questões identitárias dentro da sociologia ou da antropologia não é o principal objetivo, mas cabe trazer a luz dos conhecimentos uma pequena nota sobre as transformações ocorridas e suas consequências para a produção estética contemporânea .

Sobre a identidade Stuart Hall (2003) propõe três concepções básicas para o entendimento das transformações ocorridas até a pós-modernidade: sujeito iluminista; sujeito sociológico; e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo é codificado pelo centramento, visto que a Era da Razão preconizou a racionalização de sua identidade. O sujeito nasce e no decorrer da vida percebe-se essencialmente o mesmo, individualista e de caráter masculino.

Quanto ao sujeito sociológico, este advém da complexificação do mundo moderno, e existirá uma dicotomia nessa identidade moderna ainda centrada, mas convivendo entre dois mundos distintos: o interior e o exterior distanciam-se do sujeito iluminista quando se refere a categorias distintas, como ele/ela, o dentro/fora, interior/exterior, o eu e a sociedade. Acreditando num núcleo centralizador essa identidade ainda é balizada pelas regras sociais, não possibilitando a mobilidade no que se refere à identidade.

O sujeito pós-moderno tem sua identidade fragmentada, instável e descentrada condizente com a sociedade em que vive: “[...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisórios, variável, e problemático” (HALL, 2003, p.12).

A concepção arbitrária construída na modernidade sobre identidade é deixada de lado. Assim, o indivíduo que tinha a identidade unificada e coerente num pensamento cartesiano presencia no contemporâneo a fragmentação total, pois foi essa identidade fixa foi somente fantasia.

Essa questão identitária repercute no exercício plástico desse novo momento. A identidade como algo fixo ficou muito tempo sob juízo de uma arte autoritária e conservadora. No momento em que questões sobre a globalização tomam força, sob

a égide de um novo tempo os grupos sociais minoritários e excluídos começam a ter suas vozes ouvidas. Grupos feministas, gays, minorias étnicas, entre outros, desvelam-se diante da sociedade fragmentada.

[...] num processo de massificação constante, operam-se condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos, e que em um balé sem fim, entrecocam-se, atraem-se repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos. É essa a característica das sociedades pós-modernas. (MAFFESOLI, 1996, p.32).

Esses processos influenciaram diretamente as questões identitárias. Alguns artistas irão buscar algumas características que dialoguem com sua obra. A sexualidade, o gênero e o corpo estarão em destaque.

Quando se fala em sexualidade ela se vinculará diretamente à questão do gênero compondo uma ambiguidade. O corpo está no centro das questões e nesse sentido falaremos de corpo físico como narcisista e corpo social como hedonista.

A massificação fez com que alguns artistas buscassem uma nova expressividade, a celebração do corpo como campo de combinações e experimentações apresentando assim novos discursos poéticos. Esse corpo erotizado, modificado e simulado pertencem a um discurso fragmentado que existe subjacente à vontade de socializar essa poética. Surge aí a necessidade de apresentar o corpo como suporte de identidades artísticas que já não são mais fixas.

Compreendendo o mito de Narciso como um exemplo de produção de imagem contemporânea poderá nos sinalizar um novo caminho para o entendimento que se processa a partir da fragmentação e desestabilização da identidade codificadas por Maffesoli como identificações. Porém as identificações comungam de imagens também construídas no corpo como um sistema ecologicamente ligado a outros sistemas. O reflexo que Narciso observa na água está cheio de outros reflexos, configurando a inúmeras interferências e possibilidade que compõe identidades novas formas de ações artísticas e legitimações.

A imagem fugidia quase imaterial seduz Narciso, porém nessa adoração mitológica ele não percebe a influência do todo na sua imagem. “O neo-narcisismo define-se pela desunificação, pela fragmentação da personalidade, e sua lei é a

coexistência pacífica dos contrários” (LIPOVETSKY, 1989, p.104). A imagem de Narciso nos remete diretamente a questões do corpo e da identidade.

Trânsitos e identidades: EVA & ADELE

Com a frase “por onde nós estamos é museu” o casal de performers Eva & Adele é uma representação clara do que falamos sobre identidade até o presente momento. Eles deixaram de lado suas identidades e gênero e vivenciam uma identidade simulada. Isso em outros tempos poderia gerar um grande conflito, mas pensamos num sistema de integração entre arte e vida esse Narciso contemporâneo não causa mais celeuma. O casal somente se identifica como Eva & Adele sem alusão ao gênero a que pertencem: o casal composto por um homem e uma mulher, simultaneamente, sugerem ser duas mulheres.

O trabalho da dupla de performes sugere profunda ironia. Eva & Adele questionam não só a identidade e gênero de maneira irônica, mas questionam o espaço que lhe cabe dentro das instituições de arte.

Apresentam-se como artistas sem nunca aparecerem sem suas identidade simuladas. A cor rosa faz parte da indumentária extravagante que inclui sapatos prateados e *tailleur* rosa. A identidade feminina com qual se apresentam, sempre enfatizando o feminino é uma simulação ou, como diz Maffesoli, identificação.

Pensando a partir de uma construção historicista esse questionamento não é novidade no mundo das artes. Nas vanguardas artísticas o dadaísta Marcel Duchamp interpreta em Nova Iorque a personagem “Rose Selavy” e no pop-art Andy Warhol também deixa-se fotografar por Christopher Makos vestido de drag queen. Em ambos os casos ainda podemos perceber a identidade masculina nas fotografias, e esse momento permanece apenas como resultado de um ensaio fotográfico.

Não há exatamente a questão de dissolução de gênero visto que vivem a identidade com uma finalidade temporária, que não permanece, sendo que logo em seguida os mesmos voltam para suas produções artísticas descaracterizadas e deixam de lado seus personagens.

A novidade estabelecida por esses performers, Eva & Adele, esta justamente em ninguém saber qual é sua identidade real. Essa pluralidade e transito de identidade de gênero estabelece uma relação direta com as questões que temos levantado nesse artigo. A questão do Narciso adentra o campo de sua construção poética, Eva & Adele são a personificação do mito. Nas grandes bienais ou no supermercado a dupla tencionam a ideia de espaço e obra artística, tornando qualquer lugar espaço expositivo, como eles mesmo enfatizam; questionando inclusive a função do museu na sociedade contemporânea .

Esse novo gênero social simula identificações, sempre em transito. A dupla mesmo sendo dois personagens com uma única identificação de gênero sempre estão juntos e se vestem identicamente. Eva & Adele comparecem a eventos ligados a arte e cultura como a documenta de Kassel ou a Bienal de Veneza como parte de suas constantes performances, uma celebração hedonista e narcisista que permeiam a identidade. Não existe individualização, pois os dois sempre se apresentam juntos.

Poderíamos identificá-los como as próprias musas da mitologia grega no quesito referente a suas performances, como sugere o texto de seu sitio na internet. Eva & Adele são como um evento em movimento. Em algumas aparições se apresentam com asas de anjos como se fossem seres mitológicos contemporâneos. Impossível serem ignorados, por onde passam se tornam um evento, levando sua ambígua identidade ao supermercado, cinema e evidentemente ao museu. Neste espaço onde podem deslegitimar a institucionalização da arte.

Uma de suas estratégias é definir que espaço o museu ocupa na sua arte. Eva & Adele vivem e trabalham em Berlim, cidade que chamam de “sede” e o museu chamam de sua “casa”. Sua produção artística além de suas aparições performáticas, compõe-se também de fotografias auto-retratos tirados diariamente em polaroid. Posteriormente algumas dessas imagens que compõe um exercício narcisista diário são reproduzidas com interferências de pastel oleoso. Também pinturas em telas que denominaram media plastic que são produzidas a partir de material publicado na mídia, e alguns desses trabalhos são transmitidos em vídeos pela internet. Outra série o cum blow-ups que a partir de imagens recebidas, onde Eva & Adele aparecem com outras pessoas, são trabalhadas com diversos materiais

reinterpretando as fotos. Sobre o papel do museu em sua arte, produzem o discurso bastante contemporâneo: “o museu é apenas nosso arquivo”. (PUVOGEL, 1997).

Apresentados os fatores proeminentes na obra de Eva & Adele cabe ressaltar ainda que o travestismo desses artistas são o reflexo desse sujeito fragmentado e simulado. Também poderíamos apresentar esse corpo que é elevado à condição mítica/hedonista e celebrativa, mas no trabalho de Eva & Adele o corpo é subjetivo, pois ele é quase ausente servindo apenas como suporte para a camuflagem que propõe em suas identificações.

Esse corpo estabelece-se como suporte de suas performances, mas a camuflagem das vestimentas são quem identificam gêneros construídos a partir da decodificação das roupas que os traveste. A resignificação do corpo se dá através desse travestismo que altera a condição de uma identidade moderna, para se transformar numa identificação de transito e camuflagem. “Não se trata mais da história que construo, contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo”. (MAFFESOLI, 2002, p.15). A fixidez é substituída pela mobilidade onde à identidade do artista passa a fazer parte do mito.

A dupla performática Eva&Adele, configuram diversas questões artísticas contemporâneas, a proposta de Guattari pensada a partir de um sistema ecológico onde se interligam as camadas como um grande bioma apresenta novas possibilidades de entender o mundo em sua diversidade artísticas. Novas conexões surgem e sistemas que sustentaram as configurações de espaço e obra precisam ser revistos. Entender a arte e seu espaço expositivo somente como elementos dissociados que necessitam de legados historicistas e catalográficas não são mais pertinentes no contemporâneo.

Os sistemas subjacentes às aparências necessitam visibilidade nesse universo ecológico que já não se sustenta sozinho, e buscam novas formas de se legitimar não baseados em instituições ou espaços físicos, mais nas próprias ações do artista no seu tempo, não mais no espaço a qual foi destinado sua obra.

A dupla deslegitima as instituições e apresenta em seu trabalho uma singularidade que só tem visibilidade a partir desse sistema ecológico que ultrapassa as tentativas normativas da modernidade. Esses trânsitos apresentam

questões que ultrapassam o fazer artístico, sua poética, e seu espaço no mundo, pois atrelado a essa visibilidade aparente subjazem inúmeras questões que permeiam o espaço, a arte, ou seja, a vida dentro do complexo sistema ecológico que vivemos atualmente na arte e nas nossas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

CALABRESE, O. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1989.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1989.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**: por uma ética da estética. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3º ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

PUVOGEL, R. **Eva & Adele** - "Wherever we are is museum". 1997. Disponível em: <<http://www.evaadele.com/INTRO.HTM>> Acesso em 03/04/2013.

Emerson Cesar Nascimento

Doutorando em Artes Visuais (UNICAMP). Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo. Graduação em Desenho Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisador do Coletivo Estudos de Estética CEDE/CNPq, Coord. do Congresso Metáforas. Atuando profissionalmente como designer, curador e pesquisador em estética, artes, moda e design com ênfase nos estudos sobre a pós-modernidade e identidade. Prof. Convidado Pós Graduação em Estética e Gestão da Moda (ECA/USP).